



SE AS empresas pressionarem os governos em favor do meio ambiente, a COP15 certamente será um sucesso

DE PICARETA OU BRITADEIRA, QUEBREM 'O TIJOLO'!

A menos de 100 dias para a realização de um dos eventos mais importantes do mundo, ambientalistas temem que restrições de países possam empacar um novo acordo climático

ANDRÉA ZENÓBIO GUNNENG

De Oslo, Noruega

"O relógio está correndo. Os minutos passando. Se continuarmos nesta velocidade, não vamos conseguir. Troquem de marcha e acelerem consideravelmente a velocidade das negociações para que o mundo conquiste um bom resultado em Copenhague", implorou o secretário executivo da Convenção-Quadro das Nações Unidas

sobre a Mudança do Clima (em inglês, *United Nations Framework Convention on Climate Change*, UNFCCC), Yvo de Boer. O apelo foi feito durante o encerramento da 'consulta informal intercessões' em Bonn, Alemanha, mês passado (este ano estão programadas 'cinco sessões de negociações climáticas': duas já ocorreram - abril e

junho, Bonn - e outras três virão - setembro, Bangcoc; novembro, Barcelona, e dezembro, Copenhague).

Boer se referia a duas coisas. Primeiro, ao cronômetro que marca o tempo que ainda temos até a 15ª Conferência das Partes (COP15), que reunirá os países membros da UNFCCC em dezembro, em Copenhague,

ISD REPORTING SERVICES



OS INCANSÁVEIS: Delegados trabalham durante a complexa tarefa de formatar o texto final que será negociado na Dinamarca

quando, esperançosamente, será assinado um novo tratado internacional climático. Segundo, às negociações que precisam se desenvolver em um ritmo muito mais rápido para entregar resultados fortes, abordando as áreas de adaptação, tecnologia e construção de competência nos países em desenvolvimento.

O apelo de Boer é completamente justificável. Afinal, como ele mesmo ressaltou: "Um acordo climático em Copenhague este ano é um requerimento inequívoco para impedir que as mudanças climáticas fujam de controle".

Mas como aqueles pobres delegados de 192 países irão acelerar as negociações é o que não consigo imaginar. Você já viu o rascunho do texto que eles estão negociando? Bem, para começar, os delegados apelidaram carinhosamente o texto de 'O Tijolo'. Tem 200 páginas, com mais de dois mil parênteses! O texto de negociação que resultou no Protocolo de Kyoto tinha 30 páginas. Cada sentença começa com duas palavras, e a terceira vem seguida da opção de sete palavras (e é isso o que os países precisam concor-

dar qual é a mais apropriada), depois vêm outras duas palavras, e a próxima traz outras opções...

E tem mais. Se um país falar, 'ah, eu não gostei desta vírgula aqui', então, nada feito. Porque tudo o que é negociado na UNFCCC tem de ser consensual, ou seja, todos os países têm de concordar. Ora, se é difícil decidir se vamos ao cinema ou direto para o bar, quando juntam mais de três amigos, dá para imaginar 192 países, discutindo, cada um com no mínimo três 'delegados', e nenhum amigo do outro, pelo contrário, num clima de desconfiança total!

Dessa vez, durante a consulta informal em Bonn, foi decidido que, para facilitar e impor um pouco mais de velocidade às negociações, o 'Grupo de Trabalho *Ad hoc* sobre Ação Cooperativa em Longo Prazo' (em inglês, AWG-LCA), que aborda as áreas de mitigação, adaptação, financiamento e tecnologia e que negocia 'O Tijolo', seria dividido em grupos e subgrupos. No princípio, foi uma gritaria total. "E se a proposta do meu país for excluída? E se a palavra que a minha delegação incluiu naquela sentença desa-

FIQUE POR DENTRO



Petição mundial

Uma petição global assinada por cidadãos de todos os países do mundo será entregue aos negociadores climáticos durante a COP15, em Copenhague. Para assinar e enviar sua mensagem pessoal, acesse www.sealthedeal2009.org e participe da campanha 'Selando o Acordo', criado pelo Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas. Seja solidário e pressione os líderes mundiais a assinarem o acordo global de combate às mudanças climáticas!

parecer? Ah não, tudo terá de ser feito em *track changes* (sistema de edição de texto do software Word, que identifica quem fez as modificações)'. Dá para imaginar um documento de 200 páginas onde no mínimo 192 pessoas (192 países) farão mudanças, vir marcado com *track changes*?

No fim, o bom senso prevaleceu. Os delegados foram divididos e os trabalhos progrediram. O próximo passo será juntar novos textos, matrizes e tabelas desenvolvidas agora em Bonn, e formatar um novo documento, que será usado como 'ferramenta' para ajudar nas negociações. Porém, o texto 'O Tijolo', que foi preparado para a consulta informal na cidade alemã, permanecerá na mesa. Ou seja, na próxima sessão de negociação que acontecerá no final deste mês em Bangcoc, Tailândia, os 'delegados' terão de lidar com dois tijolos. Ufa!



A SESSÃO de encerramento da consulta climática informal em Bonn terminou às 18h57 do dia 14 de agosto, quando restavam, então, a apenas 114 dias para a COP15, em Copenhague, Dinamarca

PEDRAS NO CAMINHO - Não menos problemas enfrentou o 'Grupo de Trabalho *Ad hoc* sobre Novos Compromissos para o Anexo I do Protocolo de Kyoto' (AWG-KP) ('*Ad hoc*' é uma expressão latina cuja tradução literal é 'para isto' ou 'para esta finalidade'). Dentro deste grupo, os delegados negociam as reduções de emissões para além do primeiro período de compromisso, que termina em 2012 (de acordo com o Protocolo de Kyoto, os países do Anexo I - as nações industrializadas - concordaram em reduzir, entre 2008-2012, suas emissões de seis gases de efeito de estufa a uma média de 5,2% abaixo dos níveis de 1990, sendo que as metas variam de país para país).

Porém, para tornar as negociações quase impossíveis, os países do Anexo I (as mais recentes propostas virem da Rússia, Japão e Nova Zelândia) agora adotaram o péssimo hábito de apresentar propostas de redução de emissões usando diferentes anos como base (o Protocolo de Kyoto estabeleceu como ano base o de 1990) e estão baseando-se também em diferentes hipóteses sobre sumidouros e mecanismos de mercado,

dificultando ao máximo qualquer possibilidade de comparação entre os países.

Também dentro desse grupo, a briga sem fim entre os países industrializados e em desenvolvimento se acirra. Agora eles estão discutindo se as metas pós-2012 para os países do Anexo I devem ser definidas a partir de uma abordagem *bottom-up* ou *top-down*. Além disso, a maioria dos países do Anexo I alega que o valor agregado de suas metas de redução não pode ser discutido sem os EUA que, por não fazerem parte do Protocolo de Kyoto, não participam das discussões e negociações deste grupo, o AWG-KP. O que eles querem é a união desses dois grupos: AWG-LCA e AWG-KP. "Ah não", dizem os países em desenvolvimento, defendendo que os dois grupos de negociações devem se manter separados.

Ok, vou parar por aqui. Essa história toda é só para ilustrar a complexidade das negociações climáticas e reportar em que pé estão as discussões. O processo é complexo e difícil, mas não impossível. E o mais importante é que se trata, sim, de um processo. Devagar e sempre a gente chega lá! A questão agora é que

não dá mais para ir 'devagar'! Os 'delegados' precisam colocar o pé no acelerador e entregar em Copenhague um documento que possibilite um novo acordo climático mundial, ou pelo menos seu 'esqueleto'.

Entretanto, há uma maneira de ajudá-los nas negociações. Se as instituições de cada nação - religiosas, educacionais, econômicas, civis organizadas, não-governamentais, mídia - pressionarem seus governos a ir além de seus egoístas interesses econômicos e levar em consideração o bem-estar e sobrevivência de seu povo, certamente a humanidade sairá vitoriosa da COP15!

Exemplo de tal colaboração é a Carta Aberta ao Brasil sobre Mudanças Climáticas, como mostramos na página 27, onde 22 empresas brasileiras, além de tornar público seus compromissos que irão somar-se aos esforços globais de redução dos impactos do aquecimento global, apresentam várias propostas ao governo federal relacionadas à posição do Brasil na COP15 e ao estabelecimento, em âmbito nacional, de "um sistema estável e previsível de governança para as questões de mudanças climáticas".

SOLUÇÃO PARA CADA PROBLEMA

Mais secas, mais inundações, mais tempestades de areia, e ainda por cima o constante aumento do nível do mar. Estes são alguns exemplos de como as mudanças climáticas estão exacerbando os desastres naturais. Entre 1991 e 2005, os desastres naturais mataram 960 mil pessoas, resultando em perdas econômicas de US\$ 1,19 trilhão. Para ajudar as comunidades a lidar melhor com os desastres naturais relacionados às mudanças climáticas, os delegados de 155 países presentes à III Conferência Mundial do Clima em Genebra, no início deste mês, concordaram com a criação de um plano global para a partilha de informações climáticas e serviços. Este plano deverá ficar pronto em um ano e apresentará soluções práticas para os vários tipos de desastres naturais, a exemplo do que muitos países e organizações internacionais já estão fazendo. Veja como em todo o mundo soluções já estão sendo implantadas e podem ser adaptadas para cada país:



VINCENT LAFORET/POOL/REUTERS

RISCOS DE DESASTRES

Nove dos 10 desastres naturais nos últimos 50 anos foram causados por eventos extremos do clima.

SOLUÇÃO - O Vietnã está replantando manguezais ao longo do delta do Rio Mekong, para ajudar a proteger as áreas baixas contra inundações e aumento do nível do mar.



DEBBIE YAZBEK/AFP

SAÚDE HUMANA

Doenças transmitidas pela água se tornarão mais frequentes devido às mudanças climáticas. Por exemplo: oceanos mais quentes podem levar à proliferação de algas tóxicas e de epidemias de cólera.

SOLUÇÃO - Botsuana, país localizado na porção sul do continente africano, está usando previsões de chuvas sazonais para ajudar a prever surtos de malária. Baseado nas previsões, as comunidades têm tempo hábil para usar os recursos contra os mosquitos e fornecer redes para manter os insetos à distância.



DAVE/DWV C./MORGUEFILE

GESTÃO DA ÁGUA

Mais de 1 bilhão de pessoas em todo o mundo não têm acesso à água potável. Seca e desertificação em todo o mundo ameaçam a sobrevivência de 1,2 bilhão de pessoas.

SOLUÇÃO - Países do Himalaia estão trabalhando para avaliar os riscos de inundações dos lagos que até agora têm sido contidos pelas geleiras. Isso porque, o derretimento das geleiras levará a uma 'explosão' de inundações.



BO TORNVIG/AFP

ENERGIA

Em 2005, os furacões Katrina e Rita destruíram mais de 100 plataformas de petróleo e gás em alto mar nos Estados Unidos. As perdas econômicas das indústrias americanas de energia devidas a esses furacões foram estimadas em US\$ 15 bilhões.

SOLUÇÃO - Países em desenvolvimento, como Índia e Mali estão investindo em biodiesel como a *Jatropha* (pinhão-mansão), que cresce com pouca chuva e em terreno baldio, não competindo assim com as culturas agrícolas. A *Jatropha* pode ser queimada como combustível, além de ajudar a armazenar carbono no solo e diminuir o processo de desertificação.